

Inflação oficial desacelera pelo segundo mês consecutivo

Em abril, a inflação oficial do País, medida pelo Índice Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) registrou 0,61% na passagem do mês. Em março, a variação tinha sido de 0,71% e, em fevereiro, 0,84%, mostrando assim uma desaceleração do índice pelo segundo mês consecutivo. A última vez que isso ocorreu foi entre abril e maio de 2022.

O IPCA acumulado no ano de 2023 é de 2,72%, 1,57 ponto percentual (p.p.) menor do que o observado em abril de 2022 (4,29%). E, em relação a abril de 2021 (2,37%), o resultado é maior em 0,35 p.p. Já na comparação dos últimos doze meses, o desempenho de abril corrobora o arrefecimento da inflação ao cair 0,47 p.p., saindo de 4,65% para 4,18% na passagem mês a mês.

Desta forma, o ritmo de crescimento da inflação diminuiu, mas continua persistente e disseminada ao consumidor, o que gera elevada probabilidade de que o índice supere a sua meta para 2023. O índice de difusão, mensurado pelo Banco Central do Brasil (BACEN), o qual mostra o percentual de itens com aumento de preços, saltou de 59,95% em março para 66,00% em abril. A elevação de 6,05 p.p. tornou o nível do indicador o mais alto desde dezembro de 2022 (68,97%). Na comparação com fevereiro de 2020, período pré-pandemia, o índice era de 49,34%.

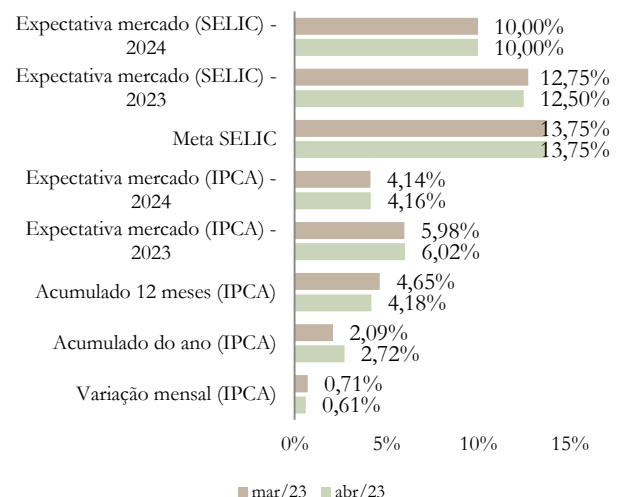
O principal impacto no índice de inflação em abril veio do grupo saúde e cuidados pessoais que apresentou a maior alta na passagem do mês (1,49%) e o maior impacto no índice geral (0,19 p.p.). Esse movimento foi impulsionado pelos reajustes nos preços dos medicamentos (5,60%) e dos planos de saúde (1,20%).

Ademais, importante lembrar que na última reunião do Comitê de Política Monetária (Copom) do Bacen não houve sinalização de que a política monetária será revertida nos próximos meses. Na verdade, há justamente uma reafirmação de que caso o processo de desinflação não transcorra como esperado, a autoridade monetária não hesitará em retomar o ciclo de ajuste (aumento) da SELIC. Além disso, os membros do Copom continuaram a expressar que na percepção do Comitê a dinâmica inflacionária atual é provocada por excesso de demanda, sobretudo, no setor de serviços, havendo ainda incertezas sobre a redução e o controle dos preços para dentro dos arredores da meta da inflação.

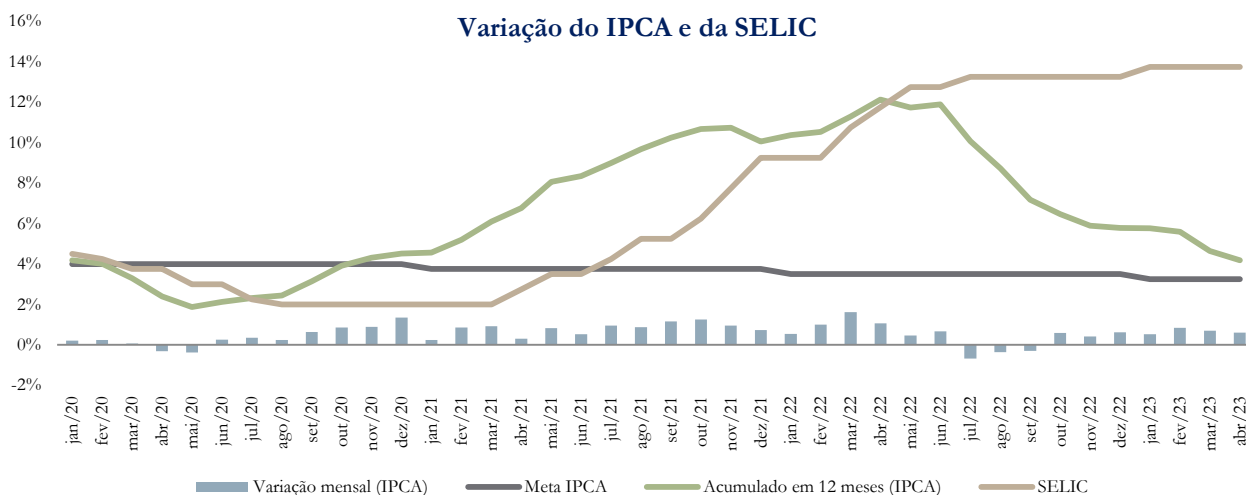
No campo das expectativas, mesmo vindo à tona as intenções do Governo Federal para o chamado arcabouço fiscal, o cenário ainda não é claro. Embora, a divulgação da proposta de regra fiscal, na qual os gastos públicos nunca se reduzem e que inevitavelmente levará a aumento da carga tributária, não tenha provocado um *rally* nos mercados financeiros, os ajustes nas projeções e nas expectativas seguem sendo realizados. Tal demora é condizente com a praxis dos economistas e plausivelmente justificável por conta das incertezas nos mercados internacionais, sobretudo, no que diz respeito ao câmbio e as *commodities* agrícolas e minerais.

Devido a esse panorama, as expectativas de mercado para o IPCA no final de 2023 foram elevadas em 0,04 p.p., atingindo 6,02%, segundo o relatório FOCUS de 08 de maio de 2023. Para o final de 2024, a expectativa é de que a inflação oficial seja 4,16%. Se realizada tais projeções, em ambos os casos, a meta não será cumprida. Já para os preços administrados, espera-se que o nível seja de 10,70% no final de 2023 e de 4,50% em 2024. Por fim, o mercado também acena que o aperto monetário deve permanecer forte e a SELIC deve atingir 12,50% no final de 2023. Somente para o final de 2024 é que se espera a SELIC próxima ao limiar de um dígito (10,00%).

Resultados



Fonte: IBGE e Bacen



Fonte: IBGE e BACEN

Em abril, todos os nove grupos de produtos e serviços pesquisados pelo IBGE apresentaram alta diante do mês anterior. E, como dito acima, o destaque foi o grupo saúde e cuidados pessoais.

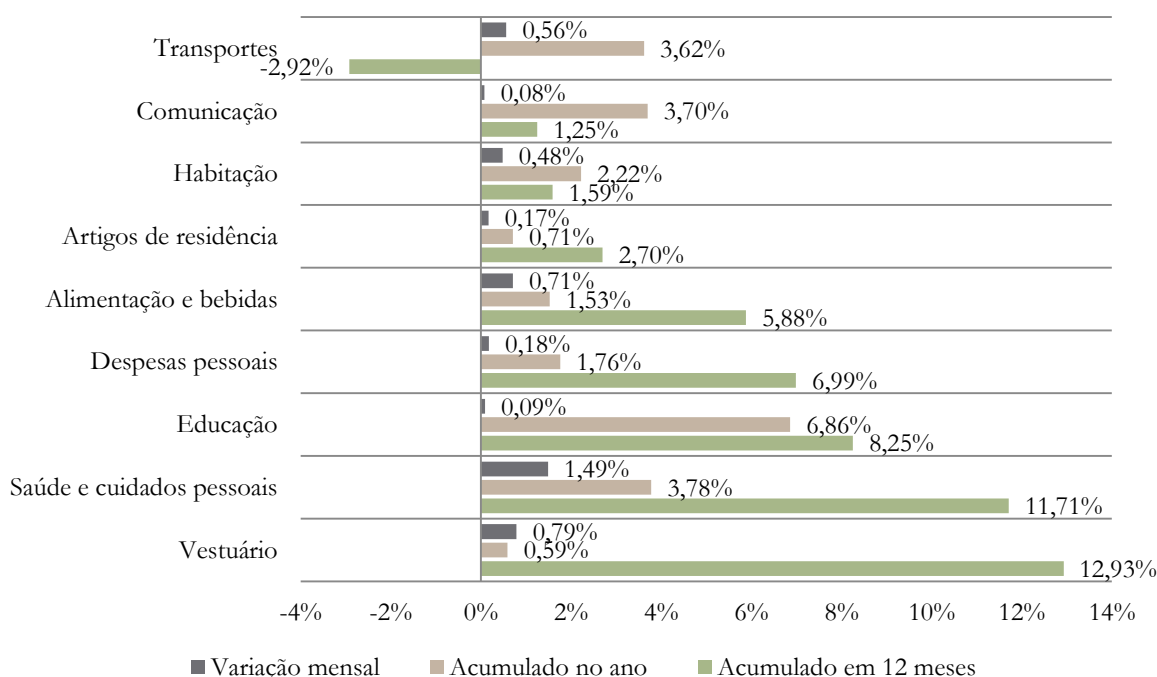
O grupo de Alimentação e bebidas cresceu 0,71% e impactou o índice geral do IPCA em 0,15 p.p. A principal influência foi da alimentação no domicílio com alta de 0,73%, puxada, principalmente, pelos preços do tomate (10,64%), do leite longa vida (4,96%) e do queijo (1,97%). Além disso, a alimentação fora do domicílio subiu 0,66%, o lanche 0,93% e a refeição 0,51%.

Em Transportes a variação foi de 0,56%, impactando o índice em 0,12 p.p. O resultado foi provocado, basicamente, pelos preços das passagens aéreas (11,97%) e dos combustíveis (-0,44%).

Vestuário apresentou variação mensal de 0,79%, após dois meses com deflação, e segue liderando no acumulado em doze meses com 12,93%. Já no acumulado do ano o índice é 0,59%.

Dentre os grupos que menos impactaram o índice em março, despontam: Comunicação (0,00 p.p.), Artigos de residência (0,01 p.p.), Educação (0,01 p.p.) e Despesas pessoais (0,02 p.p.) e cujas variações mensais foram de 0,08%, 0,17%, 0,09% e de 0,18%, respectivamente.

IPCA por agrupamento



Fonte: IBGE